

## JESUS, HERODES E OS MAGOS: UMA INTERPRETAÇÃO HISTÓRICO-LITERÁRIA DE MT 2.1-12

*João Cesário Leonel Ferreira\**

### RESUMO

No contexto das celebrações natalinas, envoltas em um clima de emoções fraternas e universais, o texto do evangelho de Mateus, capítulo dois, versículos um a doze, tende a receber interpretações superficiais e ingênuas. Outros vêem os magos, numa teologização dos personagens, como representantes dos gentios que vêm a Jesus para obter salvação. Este artigo pretende oferecer uma interpretação diferenciada ao interpretar o texto numa perspectiva histórica, com ênfase especial na figura dos magos. Essa proposição será central para o entendimento das relações de tensão que se manifestam na perícope, principalmente entre os magos e Herodes. Tais personagens serão inseridos no quadro de disputas entre potências representativas do Ocidente e do Oriente quando do nascimento do Senhor Jesus Cristo. Será dado destaque à estrutura literária que manifestará os contornos centrais e periféricos do texto.

### PALAVRAS-CHAVE

Jesus Cristo; magos; Herodes; contexto histórico; interpretação; conflito.

### INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é apresentar um exercício exegético no Evangelho de Mateus, capítulo dois, versículos um a doze, considerando questões

---

\* *O autor é mestre em Ciências da Religião com concentração em Bíblia pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e doutorando em teoria e história literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É professor no Seminário Presbiteriano do Sul (Campinas), no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper e na Escola Superior de Teologia, da Universidade Presbiteriana Mackenzie (São Paulo). É ministro presbiteriano, auxiliando a equipe pastoral da Igreja Presbiteriana do Jardim Guanabara, em Campinas.*

## JOÃO C. L. FERREIRA, JESUS, HERODES E OS MAGOS

literárias e contextuais. As primeiras dizem respeito à organização textual, pressupondo que a disposição em que determinado texto é apresentado reflete o caminho de entendimento e interpretação que são oferecidos ao leitor. Esta percepção deve ser, sempre, a consciência primeira que todo leitor necessita possuir ao aproximar-se do texto bíblico. Quanto às questões contextuais, leva-se em consideração, como instrumentos para o entendimento do texto, dados da sociedade e história que compõem o mundo referido na narrativa e que fornecem, assim, o chão concreto sobre o qual as tensões e conflitos narrativos são vividos. Desse modo, análise literária e consideração ao contexto histórico-social são dois aspectos do trabalho exegético que se completam.

O artigo constrói-se a partir do reconhecimento do teor histórico do texto. Considera-se, de modo especial, a discussão a respeito do elemento histórico dos magos. Há uma corrente interpretativa que vê Mt 2.1-12 com um conteúdo meramente teológico no qual os magos são analisados tão somente a partir desse crivo, sem considerações históricas mais sérias. Nesse sentido, representariam os “gentios” que vêm a Jesus e o recebem como Senhor, traço marcante no evangelho de Mateus.<sup>1</sup> Há, também, ceticismo quanto à historicidade do texto. Questiona-se a veracidade histórica dos magos e da estrela. Diante dessas colocações, reafirmamos a necessidade de assumir o caráter histórico dos fatos mencionados e que o deslocamento do histórico para o teológico, enquanto categorias em oposição, segundo seus articuladores, gera equívoco interpretativo e empobrecimento na compreensão da mensagem do texto.

Quanto a isso, são relevantes as palavras de Horsley ao argumentar que, com o surgimento do racionalismo no século 18, começou-se a analisar a Bíblia de um ponto de vista mais crítico em termos históricos. Relatos tais como o da criação do mundo, que não poderiam ter sido testemunhados, manifestações visíveis de Deus e de seres celestiais, e acontecimentos de fatos contrários à vida comum foram tidos como mitológicos. Segundo ele, “as histórias da anunciação, nascimento virginal e outros incidentes que envolveram o nascimento de Cristo, juntamente com as histórias da ressurreição ou da transfiguração de Jesus, estavam entre as primeiras a ser rejeitadas”.<sup>2</sup>

Desde que narrativas como as citadas acima eram qualificadas como míticas, o sentido das mesmas foi deslocado do próprio texto, da história em

<sup>1</sup> Dentre as quatro principais interpretações de Mt 2.1-12, Ulrich Luz apresenta aquela centrada na “missão pagã”, que vê os magos como as “primícias dos pagãos” que chegam a Jesus. cf. LUZ, Ulrich. *El evangelio segun San Mateo: Mt 1-7*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1993. v. 1. pp. 161-162.

<sup>2</sup> HORSLEY, Richard A. *The Liberation of Christmas: The Infancy Narratives in Social Context*. New York: Continuum Publishing Company, 1993, pp. 1-2. Minha tradução.

si, para o “conteúdo” que passava a expressar verdades eternas, valores morais e idéias teológicas.

No entanto, o fato de um texto manifestar conteúdo teológico não deve negar sua historicidade. Não é necessário que exista um confronto entre história e teologia. Pelo contrário, faz-se a reflexão teológica a partir de dados concretos e históricos.

### 1. ESTRUTURA LITERÁRIA

Todo texto bíblico possui determinada organização cujo objetivo é torná-lo inteligível a seus leitores. Mais do que isso, através da estrutura o escritor manifesta aquilo que recebe maior ou menor ênfase em seu texto. Há, portanto, uma orientação retórica em todos os textos bíblicos revelando ao leitor/estudioso a necessidade de compreendê-la para melhor assimilar a mensagem. Segue abaixo uma proposta de estrutura literária para Mt 2.1-12.

- a. v. 1. Introdução. Apresentação dos personagens: Jesus, Herodes e os magos que chegam.
  - b. v. 2. Os magos procuram Jesus para **adorá-lo**.
    - c. v. 3. Diante da notícia sobre Jesus, temor de Herodes e de Jerusalém.
      - d. v. 4-6. Herodes procura orientação (Escrituras do A.T.) para encontrar Jesus.
        - e. v. 7-8. Intriga de Herodes com os magos. Quer **adorar** Jesus.
          - d'. v. 9. Os magos recebem orientação (estrela) para encontrar Jesus.
          - c'. v. 10. Diante da descoberta de Jesus, alegria dos magos.
          - b'. v. 11. Os magos encontram Jesus, se apresentam diante dele e o **adoram**.
- a'. v. 12. Conclusão. Avisados por Deus, os magos partem.

O texto se organiza a partir de uma estrutura literária conhecida como *quiasmo* ou *paralelismo invertido*. A estrutura é concêntrica. Temos uma relação entre versículos que se organiza dos extremos para o centro (v. 1//12; v. 2//11; v. 3//10; vs. 4-6//9), chegando aos vs. 7-8, que se encontram isolados. Por isso mesmo eles identificam a ênfase da perícopé. Olhando para o fluxo textual, vemos que se constrói em três blocos (vs. 2 a 6; vs. 7 e 8; vs. 9 a 11), excetuados os vs. 1 e 12 que são, respectivamente, introdução e conclusão da perícopé. O primeiro bloco apresenta como agente principal Herodes, ao descrever sua preocupação com o recém-nascido e a busca de informações a respeito do local do nascimento. O terceiro indica os magos

## JOÃO C. L. FERREIRA, JESUS, HERODES E OS MAGOS

como protagonistas principais. Eles se dirigem para Belém guiados pela estrela, encontram a criança e a adoram. Fica claro, pela disposição do texto, que os personagens centrais, em cada um dos blocos, desenvolvem dinâmicas narrativas isolados uns dos outros. Dado complementar, eles colocam-se em oposição mútua, o que se pode perceber na estrutura através dos paralelismos antitéticos.<sup>3</sup> Entretanto, no centro do texto, terceiro bloco, Herodes e os magos encontram-se. Esse é o ponto central, visto que é o único momento em que estão frente a frente. O falso rei procura enganar os magos afirmando que também pretende adorar o rei recém-nascido. Envia os visitantes à procura da criança solicitando que o avisem ao encontrá-la para que também possa adorá-la. O verbo *adorar* (⊖↔↗↑↔↘⊗), central para o texto, indica, da parte dos magos, um desejo verdadeiro e sua concretização. Da parte de Herodes, reflete uma artimanha e um falso desejo.

A seguir será feito um comentário das divisões da estrutura literária, procurando entendê-las e aprofundá-las à luz do contexto sócio-histórico.

## 2. MENSAGEM<sup>4</sup>

### **A. v.1. Introdução. Apresentação dos personagens: Jesus, Herodes e os magos que chegam.**

*“Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia em dias do rei Herodes, eis que magos do Oriente vieram para Jerusalém.”*

Com o primeiro versículo começa uma nova perícopa, diferente de 1.18-25, visto que saem de cena José e o anjo e aparece Herodes juntamente com os magos. O tema também é outro: o nascimento de Jesus.

Nesse sentido o versículo funciona como uma introdução com o objetivo de apresentar os personagens. Todos são mencionados nesse momento inicial. Ainda não se sabe o que acontecerá. Diante do nascimento anunciado, os magos tomam a iniciativa de vir a Jerusalém. O versículo apresenta também os cenários: Belém, Jerusalém e o Oriente. Belém e Jerusalém merecem destaque como lugares onde se desenrolarão reações antagônicas diante de Jesus, como será visto adiante.

***Tendo Jesus nascido*** – é significativo que Mateus, diferentemente de Lucas (Lc 2.1-7), não narre o nascimento de Jesus, mas apenas faça referência a ele. Nesta perícopa seu interesse não está no nascimento em si, mas nas conseqüências advindas dele.

<sup>3</sup> v. 3 – *temor* de Herodes diante do nascimento da criança // v. 10 – *alegria* dos magos diante do recém-nascido; vs. 4-6 – Herodes recebe *informações precisas* sobre o local do nascimento através das Escrituras, no entanto, nada faz para reconhecê-la // v. 9 – os magos, com *poucas informações*, chegam ao bebê e o adoram.

<sup>4</sup> Minha tradução baseada em NESTLE, E.; ALAND, Kurt, et al (Eds). *Novum Testamentum Graece*, 27ª aufl. Stuttgart: Deutsche Bibelstiftung, 1993.

**Belém da Judéia** – o cuidado em especificar que a cidade de Belém situa-se na Judéia talvez se dê em função de existir outra Belém na Galiléia (Js 19.15). Mas essa explicação seria um tanto irrelevante, pois, como lembra M’Neile, “os leitores palestinos não deveriam estar em dúvida com respeito a qual Belém seria o lugar do nascimento do Filho de Davi”.<sup>5</sup> É mais provável que a ênfase sobre Belém da Judéia (repetida nos vs. 5 e 6) vise deixar claro que Jesus, como rei dos judeus (v. 2), procede da região onde habitou a tribo de Davi – Judá. A questão da descendência davídica de Jesus ainda não é mencionada. O porquê de Jesus nascer em Belém será explicado no versículo dois.

**em dias do rei Herodes** – Herodes nasceu em 73 a.C. Não era judeu, mas edomita pelo lado paterno. Foi nomeado por Roma rei da Judéia no ano 40 a.C. e conquistou Jerusalém no ano 37. Segundo Horsley, “várias inscrições indicam que Herodes adotou os títulos de ‘Admirador dos Romanos’ e ‘Admirador de César’”.<sup>6</sup> Construiu várias cidades com características helenistas como forma de homenagear o imperador (Sebaste = Augusto) em Samaria e em Cesaréia, que mais tarde tornou-se a capital do governo romano na província da Judéia. Nessa cidade construiu um templo dedicado ao imperador Augusto. Ele “gloriava-se de ser, por sua mentalidade, mais grego do que judeu”.<sup>7</sup> Além disso, reconstruiu o templo de Jerusalém, cujo término se deu em 64 d.C., a fortaleza Antônia, o palácio real, o teatro e o anfiteatro de Jerusalém.

Do que foi dito acima, fica clara a posição pró-romana de Herodes. Tal postura, somada ao fato de ele ser edomita, levou-o a desenvolver um governo que ficou conhecido e temido por sua crueldade. Para Köester, “o esplendor e a crueldade de seu reinado combinaram-se para fazer com que ele fosse visto como um déspota”.<sup>8</sup>

Essa situação era sentida especialmente pelo povo, que não nutria sentimentos favoráveis para com o rei. Herodes, por sua vez, sabendo disso, procurava cercar-se de garantias contra uma possível hostilidade da população. Isso se torna claro pelo número de fortificações construídas em seu governo: o palácio real, a fortaleza Antônia, uma torre construída no complexo do templo, cujo acesso era conseguido mediante uma passagem secreta, a reconstrução da fortaleza de Massada, etc. Essa preocupação com a segurança também pode ser sentida no fato de que a sua guarda pessoal era composta

<sup>5</sup> M’NEILE, Alan Hugh. *The Gospel According to St. Matthew*. London: Macmillan, 1955, p. 13. Minha tradução.

<sup>6</sup> HORSLEY, *The Liberation of Christmas*, p. 42. Minha tradução.

<sup>7</sup> SCHMID, Josef. *El evangelio segun San Mateo*. Barcelona: Editorial Herder, 1973, p. 69. Minha tradução.

<sup>8</sup> KÖESTER, Helmut. *Introducción al Nuevo Testamento*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1988, p. 469. Minha tradução.

JOÃO C. L. FERREIRA, JESUS, HERODES E OS MAGOS

por mercenários provindos da Trácia, Germânia e Gália, e não por judeus, por não serem de sua confiança.<sup>9</sup>

A crueldade de Herodes torna-se explícita em sua relação familiar. Köester sintetiza a questão:

As tragédias da história familiar de Herodes contribuíram para a sua má fama. Fez executar a sua segunda mulher, a hasmonéia Mariamne, porque recaiu sobre ela a suspeita de haver participado de um complô contra ele. Herodes matou também o antigo sumo sacerdote Hircano, o último hasmoneu, com a idade de oitenta anos. No final de seu reino mandou executar os filhos de seu casamento com Mariamne, Alexandre e Aristóbulo (7 a.C.) e, pouco antes de sua morte, seu filho mais velho Antípatro (4 a.C.).<sup>10</sup>

No final de sua vida, como clímax de seu despotismo e beirando mesmo à insanidade mental, Herodes reuniu a nobreza judaica no hipódromo de Jericó e ordenou que fossem executados após sua morte para que a população estivesse de luto nessa ocasião. Entretanto, com a morte do rei tais pessoas foram libertadas.<sup>11</sup>

Portanto, falar em “dias do rei Herodes” significa evocar o contexto de tirania e opressão vivido pelo povo naquele período. Para eles, Herodes era um vassalo de Roma e, acima de tudo, um rei cruel.<sup>12</sup>

***eis que magos do Oriente vieram para Jerusalém*** – a partícula demonstrativa *ἐκεῖ* (eis que), usada para demonstrar surpresa, introduz os magos. De fato, é surpreendente que venham do Oriente para Jerusalém. Dirigem-se para a Cidade Santa porque ela é a capital da nação, centro do poder político, religioso e econômico, sendo, portanto, natural que procurem nela as informações de que precisam. Mas quem são eles?

Os autores discordam a respeito da identidade dos magos.<sup>13</sup> Poderiam ser:

a) Membros da casta sacerdotal persa.

<sup>9</sup> Cf. HORSLEY, *The Liberation of Christmas*, pp. 46-47.

<sup>10</sup> KÖESTER, *Introducción al Nuevo Testamento*, p. 469. Minha tradução.

<sup>11</sup> GALBIATI, Enrico Rodolfo; ALETTI, Aldo. *Atlas histórico da Bíblia e do Antigo Oriente: da pré-história à queda de Jerusalém no ano 70 d.C.* Petrópolis: Vozes, 1991, p. 188; HORSLEY, *The Liberation of Christmas*, p. 46.

<sup>12</sup> Para outras informações sobre Herodes, cf. HENDRIKSEN, William. *Mateus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, v. 1, pp. 224-234.

<sup>13</sup> Para maiores detalhes, consultar: BONNARD, Pierre. *Evangelio segun San Mateo*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1976, p. 43; DAVIES, W. D.; ALLISON JUNIOR, Dale. *The Gospel According to Saint Matthew: Introduction and Commentary on Matthew I-VII*. Edinburgh: T & T Clark, 1988, v. 1, pp. 227-228; DELLING, G. *μὴ ἴδῃτε, μὴ ἴσῃτε*. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard, (Eds). *Theological Dictionary of the New Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1967, v. 4, pp. 356-359; GARLAND, David E. *Reading Matthew: A Literary and Theological Commentary on the First Gospel*. New York: Crossroad, 1993, p. 25; HAGNER, Donald. *Matthew 1-13*. Dallas: Word, 1993, v. 33a, p. 26; HILL, David. *The Gospel of Matthew*. Grand Rapids: Eerdmans, 1981, pp. 81- 82; LUZ, *El evangelio según San Mateo*, p. 163; M'NEILE, *The Gospel According to St. Matthew*, pp. 13-14.

- b) Pessoas com a posse e o uso de conhecimentos e habilidades sobrenaturais.
- c) Mágicos.
- d) Impostores, enganadores.

É consenso geral que não se pode determinar com precisão de onde eram e que tipo de atividade exerciam. Pode-se apenas pressupor, de acordo com a referência à estrela no versículo dois, que fossem astrólogos. Quanto ao lugar de origem, afirma-se que a menção ao “Oriente” não traz maiores esclarecimentos, pois, como lembra Augustinovich, “a expressão é muito vaga. Para a Bíblia, o ‘*oriente*’ é tudo o que está a leste do rio Jordão: Transjordânia, Arábia, Babilônia, Pérsia.”<sup>14</sup> Todavia, em função dos presentes apresentados no versículo onze – ouro, incenso e mirra –, a tendência inclina-se para a Arábia, visto que “as dádivas apresentados pelos magos são a riqueza tradicional da Arábia”.<sup>15</sup> Mas essa afirmação não considera com seriedade o desenvolvimento comercial do Oriente naquele período e o fato de que a referência a tais produtos pode não indicar necessariamente que seus portadores sejam originários do local de sua fabricação. Os magos poderiam muito bem ter comprado os presentes na Arábia sem, contudo, serem naturais dela. Segundo os comentaristas, basta reconhecer que, de acordo com a apresentação feita pelo evangelista, os magos não devem ser considerados de modo negativo.

Essas abordagens não atribuem a importância devida à determinação da origem dos magos, na medida em que tais informações podem esclarecer vários componentes do texto. É necessário persistir com a pergunta: Quem eram os magos? Já foi notado acima que eles deveriam ser astrólogos, mas a busca de maiores esclarecimentos deve continuar. A definição está intimamente relacionada com o lugar de origem. É importante a referência que Augustinovich faz a esse respeito, embora opte pela origem arábica.

A mais antiga tradição cristã se alinha com a Pérsia. Quase todos os Pais e escritores eclesiais optam pela origem persa dos magos; a mais antiga iconografia cristã também assume essa postura (s. II-IV), por exemplo, a das catacumbas romanas, para citar o dado mais conhecido, que sempre representam os magos com seus ornamentos caracteristicamente persas. Um fato interessante: na galeria superior do átrio da basílica constantiniana de Belém havia um mosaico que representava precisamente a adoração dos magos, apresentando-os vestidos ao estilo persa. Pois bem, quando os invasores persas, no ano de 614, se encontraram às portas da basílica, reconheceram facilmente suas vestes ali representadas, e a basílica foi salva da destruição.<sup>16</sup>

<sup>14</sup> AUGUSTINOVICH, Agustín. *Evangelios intrigantes*. Caracas: Ediciones Tripode, 1992, p. 85. Grifo do autor, minha tradução.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 85. Minha tradução.

<sup>16</sup> *Ibid.*, p. 85. Minha tradução.

## JOÃO C. L. FERREIRA, JESUS, HERODES E OS MAGOS

Horsley também assume as idéias expostas acima.<sup>17</sup> Para ele, os magos não exerciam atividades unicamente religiosas. Lembra-nos que “devemos estar plenamente cômnicos de que, no mundo antigo, muitas dessas funções eram também políticas, e que o objetivo do que pode nos parecer um ritual religioso era, na verdade, manter a ordem imperial divinamente estabelecida”.<sup>18</sup> Isso manifesta a relação estreita entre os magos e o rei, visto que eles eram os assistentes do monarca persa, tido como o divino governante sobre a terra, e estavam em contato com os deuses para “garantir a produtividade, segurança e prosperidade do reino”.<sup>19</sup>

Identificar os magos como persas traz implicações profundas para a compreensão do texto. Os partos, que pertenceram ao grande império persa e entre os quais os magos estavam inseridos, foram constante fonte de ameaça para os romanos na Palestina e, de modo mais específico, para Herodes. Tanto que em 40 a.C. eles conseguiram controlar todo o Oriente Médio por um breve período e ajudaram a Antígono, filho de Aristóbulo, de linhagem hasmonéia, a conquistar a Palestina. Herodes, nesse tempo governador da Galiléia, fugiu para Roma onde foi nomeado rei da Judéia pelo senado, recebendo auxílio militar para reconquistar a Palestina das mãos de Antígono. Em 37 a.C., Herodes conseguiu o domínio sobre Jerusalém. Antígono foi preso e executado em Antioquia.<sup>20</sup>

Do que foi exposto fica evidente a existência de uma oposição feroz de romanos e Herodes contra os partos. Nesse sentido, uma conclusão a que se pode chegar é que os magos teriam herdado uma postura anti-romana e anti-herodiana. Essa averiguação é de grande relevância para o estudo da perícopa.

### ***B. v. 2. Os magos procuram Jesus para “adorá-lo”.***

*“dizendo: onde está o recém-nascido rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela quando ela surgiu<sup>21</sup> e viemos adorá-lo”.*

<sup>17</sup> Horsley, *The Liberation of Christmas*, p. 53.

<sup>18</sup> Ibid., p. 53. Minha tradução.

<sup>19</sup> Ibid., p. 53. Minha tradução.

<sup>20</sup> Para esses dados históricos, consultar as seguintes obras: GALBIATI e ALETTI, *Atlas Histórico da Bíblia*, p. 178-182; KÖESTER, *Introducción al Nuevo Testamento*, pp. 466-467; ASURMENDI, J; MARTÍNEZ, F. G. História e instituições do povo bíblico. In: ECHEGARAY, J. et al (Eds). *A Bíblia e seu contexto*. São Paulo: Edições AM, 1994, pp. 265-268.

<sup>21</sup> Para a tradução de  $\alpha\upsilon\tau\omicron\tau\epsilon\lambda\eta\varsigma$  /  $\alpha\upsilon\tau\omicron\tau\epsilon\lambda\eta\varsigma$  como “quando ela surgiu”, ao invés de “no Oriente”, conforme traduz *A BÍBLIA SAGRADA*, 2ª ed. revista e atualizada. Trad. João Ferreira de Almeida, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1998, ver o estudo do termo anatolh/ no dicionário de BAUER, Walter. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. 2ª ed. rev. aum. Chicago: University of Chicago Press, 1979, p. 62; e em DAVIES e ALLISON JUNIOR, *The Gospel According to St. Matthew*, p. 236, onde lembram que tal palavra, referindo-se a um ponto cardeal (Oriente), nunca recebe artigo (como pode ser observado no uso da palavra no v. 1), o que não se dá no presente versículo.



Os personagens começam a agir com mais desenvoltura. Em primeiro lugar, os magos chegam a Jerusalém e perguntam pela criança recém-nascida. No versículo três veremos a reação de Herodes diante da notícia.

***onde está o recém-nascido rei dos judeus?*** – aqui se pode encontrar a resposta do porquê de Maria dar à luz em Belém. Jesus nasce nessa localidade pois é o *rei dos judeus*. E como rei, ele vem da cidade natal do rei Davi, Belém.

O uso da expressão “rei dos judeus” em Mateus encontra-se apenas entre os gentios: com Pilatos (27.11), com os soldados ao zombarem de Jesus (27.29) e inscrita na cruz (27.37). Os judeus referiam-se a Jesus como “o rei de Israel” (Mt 27.42; Mc 15.32; Jo 1.49; 12.13). Esses elementos reforçam a opinião de que os magos seriam gentios.

***Porque vimos a sua estrela quando ela surgiu*** – esta é a primeira referência à estrela no texto. Há a opinião<sup>22</sup> de que o seu aparecimento seria o cumprimento de uma profecia registrada em Nm 24.17.<sup>23</sup> Outros interpretam a manifestação da estrela atrelada ao conceito comum na antiguidade pelo qual, ao nascerem pessoas, estrelas também surgiam, e para indivíduos que viriam a exercer influência sobre o mundo, haveria fenômenos astrais de grande porte. Esse dado estaria associado à possibilidade de uma conjunção planetária sui generis entre Júpiter e Saturno na constelação de Peixes ocorrida três vezes no ano 7 a.C. Sabe-se que Júpiter era considerado a estrela do reinado, Saturno a estrela dos judeus e a constelação de Peixes relacionava-se com o final dos tempos. Deus, usando elementos da cultura antiga e da astrologia, forneceu dados que permitiram aos magos, como astrólogos, concluir que o rei do universo teria nascido na Palestina.<sup>24</sup>

Diante da complexidade dessas hipóteses é difícil a definição por uma delas. É significativo que a estrela, entendida do modo que se queira, chamou a atenção dos magos anunciando-lhes o nascimento do rei dos judeus, e que eles não foram displicentes para com a informação recebida; pelo contrário, foram a Jerusalém para saber com exatidão onde se encontrava a criança.

***e viemos adorá-lo*** – a presença do verbo  $\text{⊗} \leftarrow \uparrow \uparrow \rightarrow \text{⊗}$  (adorar) é de grande valor aqui. É um verbo de “intenção” que estrutura todo o texto, manifestando o desejo dos magos expresso nesse versículo e realizado no versículo onze. Indica também o falso desejo de Herodes (v. 8), que, na verdade, pretende matar a criança. Toda a trama se desenvolve em torno desse verbo.

<sup>22</sup> BROWN, Raymond E. *El nacimiento del Mesías: comentario a los relatos de la infancia*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1982, pp. 114-115.

<sup>23</sup> “Vê-lo-ei, mas não agora; contemplá-lo-ei, mas não de perto; uma estrela procederá de Jacó, de Israel subirá um cetro que ferirá as temporadas de Moabe e destruirá todos os filhos de Sete”.

<sup>24</sup> BROWN, *El nacimiento del Mesías*, pp. 170-173; DAVIES e ALLISON JUNIOR, *The Gospel According to St. Matthew*, p. 235.

## JOÃO C. L. FERREIRA, JESUS, HERODES E OS MAGOS

O verbo  $\Theta\rightarrow\uparrow\rightarrow\downarrow\rightarrow\circ$  é particularmente importante para o Evangelho de Mateus, onde aparece 13 vezes. Para efeito de comparação, em Marcos ocorre 2 vezes, em Lucas 3 e em João 9. Seu sentido primitivo era “beijar reverentemente.”<sup>25</sup> Deve-se observar o desenvolvimento semântico do verbo:

O prefixo indica uma conexão com praxes rituais que remontam a tempos antes da história da Grécia. Em relevos egípcios, os adoradores são representados com a mão estendida, jogando beijos para (*pros-*) a divindade. Entre os gregos, o vb. é um termo técnico para a adoração dos deuses, com o significado de “cair diante”, “prostrar-se”, “adorar de joelhos”. É provável que veio a ter esse significado porque, a fim de beijar a terra (i.é, a deidade da terra) ou a imagem do deus, era necessário lançar-se em terra. Mais tarde, *proskyneō* veio a ser empregado em conexão com a deificação dos soberanos, e com o culto do imperador.<sup>26</sup>

O verbo “sempre expressa verdadeira adoração para Mt [...] A *proskynesis* dos magos (Mt 2:2,11, falsa em 2:8) é verdadeiramente oferecida ao Rei do mundo.”<sup>27</sup>

O significado de  $\Theta\rightarrow\uparrow\rightarrow\downarrow\rightarrow\circ$  observado acima é útil para o entendimento da atitude dos magos. Creio que o ato de adoração a Jesus não é apenas “religioso”. Ele se reveste de um sentido mais profundo e abrangente. Não se pode esquecer que o verbo está intimamente ligado à adoração de governantes, como citado acima. Greeven torna mais enfático esse fato ao afirmar que “a deificação de governantes, que começou na época de Alexandre, o Grande, e culminou no culto do imperador de Roma, indubitavelmente teve uma influência decisiva na história da palavra”.<sup>28</sup>

O uso do verbo, portanto, seria intencional e carregado de sentido. Os magos, conhecedores das expectativas messiânicas dos judeus e, como per-sas, contrários a Roma e a Herodes, vêem em Jesus o Messias esperado que chega para estabelecer seu reinado sobre o mundo como verdadeiro governante. Isso leva à suposição de que esse ato de adoração poderia revelar uma atitude anti-romana dos magos. Para eles, o verdadeiro rei não era o imperador de Roma, muito menos Herodes, mas o recém-nascido Jesus. A adoração é, então, religiosa, na medida em que reconhece em Jesus o enviado de Deus, e política, enquanto deposita nele a esperança de libertação do jugo romano.

<sup>25</sup> GREEVEN, Heinrich.  $\Theta\rightarrow\uparrow\rightarrow\downarrow\rightarrow\circ$ ,  $\Theta\rightarrow\uparrow\rightarrow\downarrow\rightarrow\circ\rightarrow\circ$ . In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard, (Eds). *Theological Dictionary of the New Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1969, v. 6, p. 759. Minha tradução.

<sup>26</sup> SCHÖNWEISS, H; BROWN, C.  $\Theta\rightarrow\uparrow\rightarrow\downarrow\rightarrow\circ$ . In: BROWN, Colin, (Ed). *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1983, v. 3, p. 337. Itálico do autor.

<sup>27</sup> GREEVEN, op. cit., pp. 763-764. Minha tradução.

<sup>28</sup> Ibid., p. 760. Minha tradução.

Essa libertação esperada não era uma expectativa isolada dos partos, mas manifestava a posição de todos os povos do Oriente que compunham um bloco de oposição a Roma, enquanto representante do Ocidente. Isso estaria de acordo com uma tradição política popular do mundo oriental conhecida como *Oposição Asiática*.<sup>29</sup> Paulo Nogueira afirma que “segundo esta tradição, havia a expectativa de que Roma teria que devolver todos os tributos recolhidos dos orientais, e o poder político passaria do Ocidente (representado por Roma) ao Oriente (representado pela Ásia Menor).<sup>30</sup>

O menino Jesus, sendo o recém-nascido rei dos judeus e, portanto, um rei oriental, poderia ter sido visto pelos magos como aquele que traria o cumprimento das expectativas da derrota do Ocidente pelo Oriente através da manifestação do seu reino. Horsley desenvolve esse mesmo raciocínio quando escreve que:

A adoração da criança por parte dos magos é um ato do mais profundo respeito, homenagem e submissão a um rei, um governante político [...] *Os magos podem bem ter cultivado[...] uma tradição de resistência à dominação ocidental (Helenística-Romana) e cultivado a esperança da restauração do verdadeiro reinado no Oriente*. Tais conotações ou implicações da visita dos magos também encaixam-se perfeitamente bem com outra dimensão da história do nascimento do rei dos judeus, a de que representa uma direta oposição ao reinado tirânico de Herodes como parte do domínio imperial romano.<sup>31</sup>

Portanto, somente com a compreensão do que estaria implicado no desejo dos magos de adorar Jesus é que é possível compreender que eles tenham partido de sua terra e vindo para a Palestina a fim de encontrá-lo.

### **C. v. 3. Diante da notícia sobre Jesus, temor de Herodes e de Jerusalém.**

*“Tendo ouvido isso, o rei Herodes perturbou-se e toda Jerusalém com ele.”*

Aparece no texto pela primeira vez, de modo declarado, o tema da oposição. Conflitos entre personagens são essenciais para a dinâmica de textos narrativos. O que temos aqui não é diferente. Nesse momento outro personagem do conflito manifesta seus sentimentos: Herodes.

<sup>29</sup> NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. A realização da justiça de Deus na história: algumas considerações sobre a tradição da inversão escatológica no Apocalipse 18. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, n. 11, 1992, p. 102.

<sup>30</sup> Ibid., p. 102. Minha ênfase.

<sup>31</sup> HORSLEY, *The Liberation of Christmas*, p. 58. Minha tradução e ênfase.

JOÃO C. L. FERREIRA, JESUS, HERODES E OS MAGOS

***Tendo ouvido isso, o rei Herodes perturbou-se*** – o motivo de sua perturbação encontra-se no conhecimento de que há magos em Jerusalém indagando sobre o paradeiro do rei dos judeus que acabara de nascer (v. 2). Herodes sente-se ameaçado diante de um rei rival. O temor é intenso porque ele tem consciência de não pertencer à linhagem real. Na realidade, Herodes não era nem mesmo judeu, mas edomita por parte de pai. Esse fato o deixa temeroso quanto à possibilidade de perder o trono.

***E toda Jerusalém com ele*** – por que a população manifestaria temor diante de um possível opositor de Herodes, se este era cruel e déspota? Face à notícia, certamente o povo seria tomado de alegria. Essa questão se resolve se entendermos que o escritor usa a figura de linguagem chamada “sinédoque”, ao citar o todo (Jerusalém) para representar, na verdade, uma parte (um segmento da população).

Quais seriam as pessoas que teriam motivos para temer, juntamente com Herodes, o nascimento de Jesus? Certamente as lideranças religiosas, representadas no texto pelos principais sacerdotes e escribas do povo (v. 4), ou seja, os responsáveis pelo sistema sacrificial (sacerdotes) e pela interpretação das Escrituras (escribas), aos quais juntam-se, posteriormente, os fariseus. São eles que irão sentir-se ameaçadas por Jesus e o combaterão no decorrer de todo o Evangelho de Mateus, levando-o à morte (12.14; 27.1, 12, 20).

***D. v. 4-6. Herodes procura orientação (Escrituras do A.T.) para encontrar Jesus.***

*“e reunindo todos os sumos sacerdotes e escribas do povo, perguntava a eles onde o Cristo deveria nascer.*

*Disseram-lhe: em Belém da Judéia; porque assim está escrito através do profeta:*

*e tu Belém, terra de Judá;*

*de modo algum és a menor entre os príncipes de Judá;*

*porque de ti sairá o guia;*

*que apascentará o meu povo Israel.”*

Herodes não apenas teme diante da informação do nascimento do “verdadeiro” rei de Israel, como também procura tomar providências.

***e reunindo todos os sumos sacerdotes e escribas do povo, perguntava a eles onde o Cristo deveria nascer*** – sumos sacerdotes e escribas aparecem novamente juntos em 20.18 e 21.15. Nesses textos há uma oposição declarada a Jesus.

***sumos sacerdotes*** – pode parecer estranho o uso do plural para o cargo de sumo sacerdote. Isso se explica pelo fato de que o termo não se referia apenas à pessoa que ocupava ativamente a posição, mas aos sumos sacerdotes depostos e aos componentes das famílias dentre as quais Herodes nomeava o sumo sacerdote e que possuíam os cargos de maior relevância no templo.

A prática da nomeação dos sumos sacerdotes pelo rei foi iniciada por Herodes ao assumir o poder em 37 a.C. e continuada pelos romanos.<sup>32</sup> Herodes usava tal artifício para formar uma base política para seu governo, não importando que tais famílias não pertencessem à linhagem sadoquita. Além disso, para mantê-los sob domínio, “Herodes, o Grande, Arquelau e, depois dele, os romanos, não conheceram meio mais eficaz do que colocar as vestes do sumo sacerdote sob sua guarda na fortaleza Antônia. Só as devolviam para uso do sumo pontífice nos dias de festa”.<sup>33</sup>

**escribas** – eram os mestres da lei em Israel. Não compunham um partido, como os fariseus, mas representavam uma classe profissional. Eram os líderes espirituais e intelectuais do judaísmo e por isso tidos como cidadãos proeminentes. Segundo Volkmann, suas principais tarefas, associadas à lei, eram:

- a) conhecer, nos mínimos detalhes, a Lei e interpretá-la, atualizando constantemente o seu sentido;
- b) ensinar esta Lei aos discípulos;
- c) exercer a função de juiz com base no conhecimento da Lei”.<sup>34</sup>

É provável que a consulta feita por Herodes tenha sido ao Sinédrio, concílio composto de sumos sacerdotes, escribas e anciãos. O último grupo está ausente possivelmente por constituir-se de leigos, não estando qualificado para tratar de uma questão teológica.

**onde o Cristo deveria nascer** – Herodes tem consciência de que a criança não representa simplesmente uma ameaça de alguém que diziam ser rei, mas que o intitulado rei dos judeus (v. 2) é, de fato, o Cristo, o Messias esperado. A resposta que obtém no versículo seis confirma a sua conclusão.

**Disseram-lhe: em Belém da Judéia; porque assim está escrito através do profeta** – Herodes recebe a resposta: se essa criança é realmente o Messias, o lugar de seu nascimento é Belém. Para confirmar a afirmação são citados textos do Antigo Testamento.

Uma questão que surge é o porquê de não se introduzir a citação com a fórmula de cumprimento: “para que se cumprisse o que fora dito por intermédio do profeta”, muito utilizada principalmente nos dois primeiros capítulos de Mateus (1.22; 2.15, 17, 23). A resposta mais provável é que, como as fórmulas de cumprimento sempre são comentários do evangelista para referendar os acontecimentos através de suas previsões no Antigo Testamento, o mesmo não pode ser aplicado a 2.5-6, onde a resposta dos cúmplices de Herodes não revela

<sup>32</sup> VOLKMANN, Martin. *Jesus e o Templo: uma leitura sociológica de Mc 11,13-19*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992, p. 85.

<sup>33</sup> JEREMIAS, Joaquim. *Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisas de história econômica-social no período neotestamentário*. 2ª ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1986, p. 209.

<sup>34</sup> VOLKMANN, *Jesus e o Templo*, p. 88.

## JOÃO C. L. FERREIRA, JESUS, HERODES E OS MAGOS

da parte deles o interesse nem a participação em tal acontecimento. Eles não reconhecem nem fazem a constatação de que o Messias de fato nasceu. Pelo contrário, fornecem a informação e suas vidas continuam inalteradas.

De fato, através dessa observação pode-se chegar a um outro relacionamento conflituoso: entre os magos, que vêem a estrela e através dela chegam a Jesus para adorá-lo (v. 2, 9, 11), e os sumos sacerdotes e escribas, que através das Escrituras sabem onde o Cristo deveria nascer (v. 5-6), mas decidem não recebê-lo como Messias. Pelo contrário, permanecem ao lado de Herodes, o falso rei.

*e tu, Belém, terra de Judá;*

*de modo algum és a menor entre os príncipes de Judá;*

*porque de ti sairá o guia;*

*que apascentará o meu povo Israel* – esta é a resposta que Herodes obtém. Jesus, como rei descendente de Davi, deve vir de Belém. A citação é uma combinação de dois textos do Antigo Testamento: Mq 5.2<sup>35</sup> e 2 Sm 5.2.

Segundo a citação, define-se o local do nascimento do Messias – Belém, e sua função – apascentar o povo de Israel. A atividade de Jesus como rei da linhagem davídica é realçada como um ato de apascentar, ou pastorear, pois a função de “pastor” se aplicava a Davi (Sl 78.70-72) e ao futuro rei (Ez 34.23). Jesus, sendo o verdadeiro rei, não governará tiranicamente o povo à semelhança de Herodes; pelo contrário, o apascentará como rei davídico.

A menção ao *povo* que será apascentado por Jesus deve ser notada. No versículo quatro os sumos sacerdotes e escribas são líderes do *povo*. Eles exercem sua liderança e domínio juntamente com Herodes. Mas Jesus é o verdadeiro líder do povo. Ele tomará o lugar dessas falsas lideranças.

Através da citação feita nos versículos cinco e seis, Mateus indica que os próprios líderes religiosos se condenam ao afirmarem que sabem do nascimento do verdadeiro rei, que têm conhecimento da sua futura atividade (pastorear o povo), mas que mesmo assim preferem continuar ao lado do falso rei – Herodes.

***E. v.7-8. Intriga de Herodes com os magos. Quer “adorar” Jesus.***

*“Então Herodes tendo chamado os magos secretamente, verificou exatamente junto a eles o tempo em que apareceu a estrela, e enviando-os a Belém, disse: ide indagar cuidadosamente acerca da criança; e quando a tiverdes encontrado, avisai-me, para que eu também vá adorá-la”.*

<sup>35</sup> Há uma variante quanto ao número do versículo em várias edições da Bíblia. O texto de Miquéias citado por Mateus corresponde a 5.1 na BÍBLIA DE JERUSALÉM. Trad. Samuel Martins Barbosa et al., São Paulo: Edições Paulinas, 1981, e na BIBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA. 2ª. emendata. ELLIGER, K; RODOLPH, W. (Eds), Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1984. Já na BÍBLIA SAGRADA, 1998, a citação faz referência ao versículo dois.

De acordo com a estrutura estabelecida, estes versículos compõem a parte central do texto. Nela aparece novamente o verbo *adorar*, agora nos lábios de Herodes. Apresenta também, pela primeira e única vez no texto, o encontro entre os magos e Herodes. Se até este momento a perícopie apresentou primordialmente Herodes (v. 3-6), a partir deste ponto irá trabalhar basicamente com os magos (v. 9-12). Nestes versículos Herodes, de posse da informação sobre o local do nascimento da criança, procura desenvolver uma estratégia para chegar a ela.

***Então Herodes tendo chamado os magos secretamente*** – por que Herodes desejaria ver os magos “secretamente”? Não por temer que a notícia do nascimento do Messias se espalhasse, pois ela já havia se tornado pública,<sup>36</sup> mas devido à própria presença dos magos em Jerusalém perguntando pelo verdadeiro rei, o que por si só já era altamente ameaçador na esfera política, colocando seu reinado sob perigo. Seu objetivo era manter tanto quanto possível em segredo tal presença. O fato de Herodes chamar os magos somente depois de tomar conhecimento do local do nascimento manifesta que ele já havia arquitetado um plano.

***verificou exatamente junto a eles o tempo em que apareceu a estrela*** – a preocupação em saber o tempo em que nasceu a criança revela a consideração de que, se não a localizasse através dos magos, poderia encontrá-la por intermédio da determinação de sua idade. E é exatamente o que faz quando se vê enganado, ordenando a morte das crianças com menos de dois anos em Belém (2.16).

***e enviando-os a Belém, disse: ide indagar cuidadosamente acerca da criança; e quando a tiverdes encontrado, avisai-me, para que eu também vá adorá-la*** – se Herodes já possuía a informação de que a criança nasceu em Belém, por que enviaria os magos para lá a fim de obter dados sobre o recém-nascido? Pode-se pensar que esse nascimento, ou pelo menos seu significado, ainda estava oculto à população de Belém, visto que o texto não traz nenhuma indicação que aponte para isso. Seria, então, necessário encontrar o recém-nascido. Certamente Herodes desejava tratar do assunto com a maior discrição possível. Ele poderia, de fato, enviar espiões para cumprir tal tarefa. Mas é possível que, ou julgasse que os magos possuíam algum tipo de direção ou intuição especial que os levaria à criança, ou, provavelmente, soubesse que viram a estrela indicativa do nascimento no Oriente e esperasse que ela continuasse a orientá-los. Certamente o falso rei desejava mantê-los sob sua vista, por isso negocia oferecendo-lhes a informação acerca do local correto do nascimento –

<sup>36</sup> Deve-se pressupor que, quando os magos chegaram a Jerusalém, começaram a perguntar ao povo sobre o paradeiro da criança recém-nascida (v. 2). É o comentário que o povo fez sobre tal pergunta, e mesmo sobre a presença de magos em Jerusalém, que deve ter chegado aos ouvidos de Herodes (“*tendo ouvido isso*” – v. 3).

## JOÃO C. L. FERREIRA, JESUS, HERODES E OS MAGOS

Belém. Os magos, por sua vez, deveriam voltar com informações detalhadas. Talvez se possa conjecturar que Herodes desejava que os magos fossem a Belém a fim de, após encontrarem a criança, serem presos e eliminados juntamente com ela.

Através dessas manobras manifesta-se toda a maldade e malícia de Herodes. Ele procura usar os magos para atingir seus propósitos. Só não os consegue porque o próprio Deus impede os magos de voltarem à sua presença (v. 12). Essa postura de Herodes fica muito clara quando ele afirma querer “adorar” o rei dos judeus recém-nascido. Esse desejo manifesta uma “ironia” de sua parte. Tal ironia apresenta-se de modo nítido quando é usado o pronome da primeira pessoa do singular, *eu*, empregado para enfatizar o sujeito da ação.<sup>37</sup> O texto, então, salientaria que até ele, o “Grande Rei Herodes”, quer, num ato de “humildade”, adorar a criança – “*para que eu também vá adorá-la*”. Na verdade, deseja matá-la (v. 16). Podemos notar, então, uma grande oposição no texto: Herodes contra os magos. Ambos afirmam querer adorar Jesus (vs. 2 e 8). Somente conseguem os que têm o propósito sincero (v. 11). Herodes, por sua vez, frustrado em seus desígnios, procura o mal não só da criança, mas também dos magos.<sup>38</sup> O fato do falso desejo de adoração expresso por Herodes estar no centro do texto manifesta com bastante ênfase sua malícia e maldade.

***D’ v. 9. Os magos recebem orientação (estrela) para encontrar Jesus.***

*“Depois de ouvirem o rei partiram, e eis que a estrela que viram surgir estava indo adiante deles, até que, chegando, ficou parada sobre onde estava a criança”.*

***e eis que*** – esta é a segunda ocorrência da partícula demonstrativa *ἐκεῖ*.<sup>39</sup> Neste versículo ela introduz a surpresa dos magos ao verem novamente a estrela. Ela foi observada por eles em sua terra e agora volta a aparecer.<sup>40</sup> É significativo que ela não tenha se manifestado em Jerusalém. Possivelmente isso se deu para enfatizar a distância entre Deus e Jerusalém enquanto representante da presença de governantes e líderes infiéis entre o povo.

<sup>37</sup> BAUER, *A Greek-English Lexicon*, p. 217.

<sup>38</sup> Isso fica implícito através do versículo doze que apresenta a orientação divina aos magos através de sonho para que não voltem à presença de Herodes, mas retornem para sua terra por outro caminho. Por quê? Com certeza porque, caso Herodes não obtivesse uma resposta satisfatória dos magos, iria atentar contra suas vidas.

<sup>39</sup> Ela já apareceu no versículo 1.

<sup>40</sup> Não se deve inferir do texto que a estrela os guiou no caminho entre o Oriente e a Palestina. O que se pode dizer é que a estrela foi vista pelos magos no Oriente e voltou a se manifestar novamente quando eles estavam se dirigindo a Belém.



Os primeiros oito versículos apresentam “Jerusalém” como cenário de seu desenvolvimento, que sofre uma convulsão diante da notícia do nascimento de Jesus através do temor de Herodes e seus seguidores (v. 3), de sua preocupação quanto ao local do nascimento (v. 4-6) e da tentativa de envolver os magos em seus planos (vs. 7-8). A partir deste versículo, “Belém” é introduzida como o lugar *onde estava a criança*. Nesse cenário toda tensão é dissolvida, sendo substituída pela “direção” oferecida por Deus através da estrela (v. 9), pela “alegria” em descobrir onde se encontra Jesus (v. 10) e pela “adoração” prestada pelos magos à criança.

Este versículo ressalta a relação de oposição entre os dois blocos presentes no texto: Herodes, sumos sacerdotes e escribas contra os magos. Os religiosos, que possuem a orientação das Escrituras e sabem onde se encontra o menino, continuam ao lado do falso rei. Herodes, de posse da informação, continua em seu palácio tramando a morte da criança. Os magos, por outro lado, vêm do Oriente com poucos dados e com o auxílio divino através da estrela vencem as barreiras e chegam onde se encontra o rei que deve ser adorado. Embora haja concordância quanto às informações (todos sabem onde Jesus nasceu), a reação de cada grupo manifesta a oposição entre eles.

**C’ v. 10. Diante da descoberta de Jesus, alegria dos magos.**

*“E vendo a estrela regozijaram-se com grande e intensa alegria”.*

**regozijaram-se com grande e intensa alegria** – esta frase apresenta um “pleonasmos”, uma redundância de termos com o objetivo de produzir ênfase; no caso deste versículo, a alegria experimentada pelos magos. São mencionados o verbo  $\rho\acute{o}\zeta\iota\gamma\alpha\iota$  (regozijar-se) e seu complemento  $\alpha\lambda\epsilon\gamma\iota\alpha$  (alegria), os dois da mesma raiz, para salientar o prazer que sentiram ao ver a estrela. Para tornar mais enfático tal sentimento, o evangelista acrescenta o adjetivo  $\mu\upsilon\chi\epsilon$  (grande) acrescido do advérbio  $\mu\upsilon\chi\epsilon$  (muito) ao adjetivo alegria.

Esta alegria intensa da parte dos magos coloca-se em estreita oposição ao temor sentido por Herodes ao saber do nascimento de Jesus.<sup>41</sup> Esta observação realça a oposição entre eles. Enquanto um sente-se ameaçado diante do menino Jesus, outros têm seus corações repletos de alegria ao perceberem que está se aproximando o momento de encontrar a criança.

**B’ v. 11. Os magos encontram Jesus, se apresentam diante dele e o “adoram”.**

*“E entrando na casa viram a criança com Maria, sua mãe, e prostrando-se a adoraram, e abrindo as suas caixas ofereceram presentes: ouro, incenso e mirra”.*

<sup>41</sup> Como fica evidente na estrutura do texto, no paralelismo antitético entre as letras *c* e *c’*.

## JOÃO C. L. FERREIRA, JESUS, HERODES E OS MAGOS

Este versículo apresenta o término da busca empreendida pelos magos a partir do versículo dois. Ali eles perguntam: “*onde está o recém-nascido rei dos judeus?*” Agora, finalmente, encontram a criança. O desejo manifesto de “adorá-la” (v. 2) se cumpre quando esses homens prostram-se entregando suas dádivas. Essa relação entre os versículos dois e onze é muito clara de acordo com a estruturação do texto.

***E entrando na casa*** – é interessante como na geografia do texto há um desenvolvimento da “distância” para a “proximidade” em relação a Jesus. Os magos vêm do “Oriente” (v. 1) para “Jerusalém” (v. 1). Dali partem e chegam em “Belém” (vs. 8-10) e finalmente entram na “casa” onde se encontra a criança (v. 11). Essas observações mostram o intenso desejo de encontrar o rei dos judeus bem como a perseverança apresentada pelos viajantes para conseguir tal objetivo.

***viram a criança com Maria*** – por que José não é citado ao lado de Maria e de Jesus? Afinal, a presença de Jesus em Belém somente faz sentido porque José é filho de Davi (1.20). Talvez Dattler esteja correto ao dizer que “penetrando na casa os magos deram com o menino no colo da sua mãe; acharam a quem procuraram e não prestaram atenção em mais nada e ninguém; eis a razão por que o evangelista não faz menção a José”.<sup>42</sup>

***e prostrando-se a adoraram*** – o evangelista apresenta um quadro que poderia ser definido como de uma relação internacional. O menino-rei com sua mãe recebem a homenagem dos magos, pessoas de importância religiosa e política em seu país.

Os verbos  $\text{προσκύνησεν}$  (traduzido como “prostrar-se”; literalmente significa “cair”) e  $\text{ἀδωρήσαντες}$  (adorar) são comumente encontrados juntos (At 10.25; 1Co 14.25; Ap 4.10, 7.11 e 22.8) e, segundo Hagner, “representam o costume oriental de homenagear alguém [...] indicando reverência e submissão”.<sup>43</sup> Mas no texto eles aparecem unidos somente aqui. O uso do verbo  $\text{προσκύνησεν}$  visa enfatizar o ato de adoração dos magos. Embora Herodes tenha dito que desejava adorar a criança, somente os magos o fazem; evidência disso é o fato de prostrarem-se diante de Jesus, o rei dos judeus.

Como já foi notado no comentário do versículo dois, esse ato de adoração está carregado de sentido religioso e político. Talvez se possa pressupor que é exatamente esse tipo de adoração que Herodes gostaria de ter recebido dos magos. Por ver-se frustrado, tentará persegui-los, o que fica implícito através do versículo doze.

***e abrindo as suas caixas ofereceram presentes: ouro, incenso e mirra*** – o que estes presentes significam? Storniolo assume a posição dos pais

<sup>42</sup> DATTLER, F. *Os evangelhos da infância de Jesus segundo Lucas e Mateus*. São Paulo: Paulinas, 1981, p. 91.

<sup>43</sup> HAGNER, *Matthew 1-13*, p. 31. Minha tradução.

da igreja<sup>44</sup> ao afirmar que “os presentes que lhe dão mostram a submissão a um rei (ouro), o reconhecimento de que esse rei é divino (incenso) e, por outro lado, de que esse rei vai ser morto (a mirra era usada no sepultamento).”<sup>45</sup> No entanto, é mais provável que os presentes representassem aquilo que de mais precioso os magos tinham para oferecer a Jesus como dádivas a um rei.<sup>46</sup>

Devemos lembrar o que diz Schmid com relação aos presentes. Para ele, “segundo os costumes orientais, o tributo de homenagem a um rei muitas vezes fazia-se juntamente com a entrega de um presente. Os presentes oferecidos pelos magos não são uma oferenda religiosa, mas objetos preciosos comuns entre os orientais”.<sup>47</sup>

#### ***A. Conclusão. Avisados por Deus, os magos partem.***

*“E sendo informados através de sonho para não voltarem até Herodes, retornaram para a terra deles por outro caminho”.*

O objetivo deste versículo é realçar a direção dada por Deus aos magos. É “Deus” (através do sonho) quem os impede de se apresentarem diante de Herodes para que não sofram represálias.

A referência ao “sonho”, além de indicar a ação divina junto aos magos, opera também como palavra gancho unindo esta perícopes com as seguintes dentro do tema da direção oferecida por Deus (sonho – 2.13,19).

Enfim, este versículo se apresenta como uma conclusão da perícopes. Ela foi iniciada com uma introdução que mostrava os magos “chegando” de sua terra a Jerusalém (v. 1). Agora ela termina com a indicação de que os magos “partem” de volta para seu país (v. 12). Assim como vieram, eles retornam sob orientação divina. A princípio tal direção se deu através da estrela (v. 2). Agora, ela se manifesta por intermédio do sonho (v. 12).

#### **CONCLUSÃO**

O objetivo deste artigo foi analisar o texto bíblico respeitando sua organização literária e os dados apresentados em seu contexto histórico. Foi observado o aspecto político revelado nas atitudes dos magos e de Herodes, e o significado e implicações dele para a adoração a Jesus. Também ficou clara a oposição de Herodes a Jesus, como o rei que ameaçava seu domínio, como

<sup>44</sup> Para uma perspectiva da interpretação dos pais da igreja com respeito ao ouro, incenso e mirra, ver o comentário de LUZ, *El Evangelio segun San Mateo*, pp. 167-168.

<sup>45</sup> STORNILO, Ivo. *Como ler o evangelho de Mateus: o caminho da justiça*. São Paulo: Paulinas, 1990, p. 28. Parênteses do autor.

<sup>46</sup> LUZ, *El Evangelio segun San Mateo*, p. 167; MORRIS, Leon. *The Gospel According Matthew*. Grand Rapids: Eerdmans, 1992, p. 41.

<sup>47</sup> SCHMID, *El Evangelio segun San Mateo*, p. 73. Minha tradução.

## JOÃO C. L. FERREIRA, JESUS, HERODES E OS MAGOS

também a relação de conflito entre Herodes e os magos, como representantes do domínio romano e de seus opositores partos, respectivamente. Tal tensão se manifestou no desejo de matar a criança, por parte de Herodes, e de reconhecê-la como o verdadeiro rei, da parte dos magos. Além disso, a perícopos manifesta a posição assumida por Deus. Ele orienta os magos, guarda a criança e livra ambos de Herodes enquanto, por outro lado, frustra totalmente os desígnios deste.

**ABSTRACT**

In the context of Christmas celebrations marked by emotions, the text of Matthew 2, verses 1 to 12, tends to receive superficial and frivolous interpretations. By means of a purely theological interpretation, some people see the Magi playing the role of the gentiles who come to Jesus in order to attain salvation. This article seeks to offer a different interpretation by analyzing the passage from a historical perspective, especially regarding the Magi. This is central to the understanding of the text, in particular the tense relationship between the Magi and Herod. These people will be placed in the context of the disputes among great Western and Eastern powers when Jesus Christ was born. Emphasis will be given to the literary structures that manifest the principal and secondary aspects of the text.

**KEYWORDS**

Jesus Christ; the Magi; Herod; historic context; interpretation; conflict.